



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Ana Paula Fonseca Dias

**A Importância da Alfabetização de Jovens e Adultos: Uma Reflexão
sobre a Formação Docente no Processo de Alfabetização do Programa
Brasil Alfabetizado**

São Gonçalo
2010

Ana Paula Fonseca Dias

**A Importância da Alfabetização de Jovens e Adultos: Uma Reflexão
sobre a Formação Docente no Processo de Alfabetização do Programa
Brasil Alfabetizado**



Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura em Pedagogia, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Soares de Alvarenga

São Gonçalo
2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

A541 Dias, Ana Paula Fonseca.
A Importância da Alfabetização de Jovens e Adultos: Uma Reflexão sobre a Formação Docente no Processo de Alfabetização do Programa Brasil Alfabetizado / Ana Paula Fonseca Dias. – 2010.
36 f.

Orientadora: Profª Drª Márcia Soares de Alvarenga.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Formação de professores I. Alvarenga, Márcia Soares de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 374.7

Ana Paula Fonseca Dias

**A Importância da Alfabetização de Jovens e Adultos: Uma Reflexão
sobre a Formação Docente no Processo de Alfabetização do Programa
Brasil Alfabetizado**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura em Pedagogia, ao Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em _____

Banca Examinadora: _____

Prof^a. Dr^a. Márcia Soares de Alvarenga (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof^o. Dr^a Maria Tereza Goudard Tavares (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo
2009

DEDICATÓRIA

Aos meus pais João Carlos e Marilda por serem a minha bússola, minha base, minha
motivação e os meus melhores amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que esteve sempre presente em todos os momentos da minha vida, me fortalecendo, me ajudando, conduzindo em triunfo e vitória. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor!

Aos meus pais João Carlos e Marilda por todo amor, compreensão e confiança que depositaram em mim. Estando ao meu lado em todos os momentos, sustentando-me com amor, dedicação e orações. Às minhas irmãs Mônica e Renata por serem tão especiais na forma de me apoiarem. Ao meu cunhado Jadson e minha sobrinha Maria Eduarda, obrigada por terem acreditado em mim.

À Faculdade de Formação de Professores na pessoa de cada professor que me fez ver que a Pedagogia vai muito além de ser uma ciência da educação e sim um ato de amor; porque só podem ser por amor que pessoas dedicam suas vidas para conduzirem outras no caminho árduo do conhecimento.

À minha orientadora Dr^a. Márcia Soares de Alvarenga, pela dedicação, paciência e sabedoria no norteamento desta obra. Obrigado pela excelência dos saberes que me foram dispensado.

A meus amigos Leandro e Leilane, pelo amor, atenção, compreensão, ajuda na revisão dos textos e respeito que teve durante a minha caminhada. Obrigada por sonhar junto comigo.

A minha segunda família Carlos José, Maristela, Marcelle, Robson, Marcos, Rafael, Cristine que compartilharam comigo momentos de alegrias e angústias, momentos estes que jamais serão esquecidos por mim. Obrigada pela amizade de vocês.

À minha Igreja os meus mais sinceros agradecimentos pela as orações feitas nas consagrações para a construção desta obra. A todos que me ajudaram direta ou indiretamente para a realização desta monografia e na concretização de mais um sonho.

EPÍGRAFE

“Ninguém educa ninguém,
ninguém educa a si mesmo,
os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo”

Paulo Freire

RESUMO

DIAS, Ana Paula Fonseca. *A Importância da alfabetização de Jovens e Adultos: Uma Reflexão sobre a Formação Docente no Processo de Alfabetização do Programa Brasil Alfabetizado*. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2010. Páginas 36.

O presente trabalho buscou investigar a atuação e formação do profissional de educação no Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Uma vez que é de muita valia no processo educacional buscar compreender as relações que o professor tem com seus alunos e se, de fato, o mesmo compreende sua realidade, para que o processo de alfabetização venha acontecer de forma exitosa. O que me motivou foi o interesse de conhecer e entender que tipo de formas de trabalho o professor deve promover com a finalidade de apontar procedimentos que permitam aos educandos uma alfabetização mais significativa no que diz respeito à relação entre realidade e alfabetização e como se reflete no campo educacional ou nas vidas destes jovens e adultos. Com a pesquisa pude perceber que é na formação de professores que podemos construir caminhos promissores para a alfabetização de jovens e adultos, uma vez que estes mesmos professores vêem a importância do tema e até mesmo sabem “como fazer” seus percursos no processo de alfabetização. Para melhor evidenciar as questões aqui levantadas o estudo se apóia em entrevistas com as professoras do PBA, tendo como referencial teórico os estudos de como Maria Clara Di Pierro, Sérgio Haddad, Paulo Freire, Vera Masagão Ribeiro, Orlando Joia, Célestin Freinet, Marília Pinto Carvalho, Machado de Assis, entre outros que também contribuíram como aportes teóricos ao estudo. Portanto o objetivo deste trabalho consiste em refletir como um professor de alfabetização de jovens e adultos, em um programa de alfabetização, pode ser ou tornar-se um docente capaz de identificar os conhecimentos que os alunos trazem sobre a escrita para, daí, dar continuidade ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização de adultos, formação de educadores, Identidade da EJA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	
1.1 Objetivos da Pesquisa.....	13
CAPÍTULO II REVISÃO DE LITERATURA	
2.1 A Educação de Jovens e Adulto no Brasil: uma reflexão histórico-crítica	16
2.2 Organização e Estrutura do Programa Brasil Alfabetizado...22	
2.3 A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico	23
CAPÍTULO III ANÁLISE DOS DADOS – A PESQUISA	
3.1 Considerações Metodológicas.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	34
ANEXOS.....	36

Introdução

O presente trabalho intitulado “A Importância da alfabetização de Jovens e Adultos: Uma Reflexão sobre a Formação Docente no Processo de Alfabetização do Programa Brasil Alfabetizado” é produto da minha inquietação pessoal, pois ao observar o comportamento dos alunos da EJA, fiquei intrigada em saber que mesmo que eles não tenham tido acesso ao ensino regular na idade apropriada, os mesmos têm uma cultura própria, adquirida com sua vivência em sociedade. Assim com essas expectativas, como se realiza a alfabetização desses sujeitos, que muitas vezes são excluídos da sociedade por não ter o ensino regular. E, principalmente, qual o papel do educador para o sucesso da alfabetização desses sujeitos? Essa é a questão a ser estudada nessa pesquisa.

A educação de jovens e adultos é uma modalidade amparada pela lei nº 9.394 para aquelas pessoas que, por algum motivo, não tiveram acesso à escolarização quando criança. Mesmo amparado pela lei, entendo que o aluno da EJA pode não ter garantia de sucesso no processo de alfabetização, se o professor não tiver comprometido com o seu trabalho.

Com o final do século XX e início do século XXI, o analfabetismo foi e, ainda, é considerado um problema para a sociedade. Afinal, com as novas tecnologias e a globalização, o mercado de trabalho ficou mais competitivo e com isso mais exigente em relação à qualificação profissional.

É recorrente a percepção de que na atualidade a escolarização é muito importante em toda sociedade letrada, pois com as mudanças e avanços nas tecnologias o mercado de trabalho está mais exigente e se quiserem ter uma oportunidade de ingressar em uma carreira, precisa se atualizar e estudar.

E esse fenômeno ocorre também para ajudar as crianças e adolescentes, afinal com os pais mais instruídos, eles acabam por entender como é importante a educação, e a necessidade de que seus filhos continuem na escola.

Ainda persistem aqueles que acham que a EJA tem uma identidade de educação compensatória, que é construída como uma educação supletiva que visa “recuperar” o tempo perdido por algumas pessoas no seu processo de escolarização regular.

Pode-se destacar hoje que graças aos projetos alfabetização de jovens e adultos, muitas pessoas têm sido beneficiadas e mudando sua história de vida.

Por outro lado, a educação também é responsável pelo crescimento social porque à medida que as pessoas têm a escolarização elas também passam a se mais críticas, exigentes e conscientes sobre o que acontece ao seu redor.

Sou uma alfabetizadora do Programa Brasil Alfabetizado. Fui apresentada ao programa pela alfabetizadora Márcia do Socorro da Conceição Vanci¹. A mesma trabalhava como agente comunitário no Posto de Saúde João Goulart no Bairro da Palmeiras aonde reside. O bairro é uma das muitas comunidades carentes do município de São Gonçalo e que tem uma grande quantidade de analfabetos funcionais. Quando as pessoas chegavam para a consulta no posto medico, elas tinham que assinar ou preencher algum formulário, então Márcia percebeu que muitas pessoas não conseguiam assinar e quando escreviam eram com muita dificuldade. Constatando essa situação, concluiu que tinha que fazer alguma coisa para mudar essa realidade. Assim procurou a Secretaria de Educação do Município, onde foi informada que existia o Programa Brasil Alfabetizado e que ela poderia abrir uma turma no seu bairro já que o programa não exige que o alfabetizador seja formado em ensino superior ou curso normal e sim somente ter o ensino médio.

A Alfabetizadora Márcia do Socorro foi a primeira a abrir, com a ajuda do Programa Brasil Alfabetizado, uma turma de EJA no Bairro das Palmeiras. Passando-se dois anos e com a divulgação do programa na comunidade, houve muita procura, então tivemos a necessidade de abrir duas turmas de EJA. Como eu residia no mesmo bairro, Márcia ficou sabendo, pela minha irmã Mônica Fonseca Dias, que também é agente comunitária, que eu cursava o primeiro período da graduação em pedagogia. Então me convidou para fazer parte desse programa. Assim, a alfabetizadora Márcia e eu abrimos a segunda turma de alfabetização de jovens e adultos pela prefeitura de São Gonçalo no ano de 2006, constituindo, pois, a minha primeira experiência como professora da EJA.

Quando entrei pela primeira vez na sala de aula, percebi que meus alunos depositavam todas suas perspectivas de aprender a ler a escreve em mim, contudo conclui a grande responsabilidade que estava em minhas mãos e me perguntava sobre como garantir o sucesso dos meus alunos em aprender a ler e escrever, sabendo que os mesmo já têm experiência de vida?

O processo de alfabetização se deu através da realidade dos meus alunos e do meu comprometimento com a minha turma. Compreendi que, através da sua própria

¹ Devo esclarecer que a referida alfabetizadora não cursou o ensino médio de Formação de Professores.

realidade, os alunos começaram a entender os conteúdos, obtendo o sucesso esperado.

Nessa perspectiva, e com a experiência de ser uma alfabetizadora do Programa Brasil Alfabetizado, foi que me motivou a escrever sobre este tema. E para poder entender como se realiza o processo de ensino aprendizagem desse sujeito, quando o professor é comprometido com sua realidade. Percebendo, também, como se dá a formação inicial e a formação continuada no programa.

Como contribuição teórica, o presente trabalho busca uma reflexão da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e com ajuda de autores como Maria Clara Di Pierro (2001), Paulo Freire (1987/2002), Vera Masagão Ribeiro (1999), Orlando Joia (1999), Célestin Freinet (1967), Marília Pinto Carvalho (1999), Machado de Assis (1992) entre outros, trazemos à discussão sobre o tema da formação do alfabetizador de jovens e adultos que é essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

A monografia está organizada em três capítulos, além da conclusão. O primeiro capítulo traz uma apresentação dos objetivos da pesquisa e as considerações metodológicas.

O segundo capítulo apresenta, a partir das concepções de autores estudados, conceitos para refletir acerca da formação do profissional da EJA, uma vez que é de muita valia no processo educacional buscar compreender as relações que o professor tem com seus alunos e se de fato o mesmo compreender sua realidade, para que o processo do ensino aprendizagem venha acontecer.

O terceiro capítulo apresenta os dados coletados na pesquisa. Depois de analisados construo inferências sobre possibilidades que envolvem o sucesso de alfabetizadores em turmas de jovens e adultos no Programa Brasil Alfabetizado. A pesquisa também implicou, necessariamente, na revisão do papel dos programas de alfabetização de jovens e adultos, do papel do alfabetizador, nas concepções de alfabetização, dos conteúdos a serem abordados nesses processos. Essa pesquisa foi elaborada, a fim de contribuir para refletir sobre a questão do trabalho de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado, oferecendo algumas pistas para superar obstáculos que persistem em relação ao analfabetismo no Brasil.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

1.1 Objetivos da Pesquisa

O ponto relevante desta pesquisa é investigar a atuação e formação do alfabetizador uma vez que é de muita valia no processo educacional buscar compreender as relações que este tem com seus alunos e se, de fato, o mesmo compreende sua realidade, para que o processo de alfabetização venha acontecer de forma exitosa.

O que me motivou a realizar a pesquisa foi o interesse de conhecer e entender que tipos de formas de trabalho com os alunos jovens e adultos não alfabetizados o professor deve promover, com a finalidade de apontar procedimentos que permitam aos educandos uma alfabetização mais significativa, no que diz respeito à relação entre realidade e alfabetização e como se reflete no campo educacional ou nas vidas destes jovens e adultos.

Hoje podemos dizer que os jovens e adultos já sabem muitas coisa sobre a escrita, o que, necessariamente, tem provocado mudanças na sala de aula. Dessa forma, é de fundamental importância o papel do docente no processo de reingresso do aluno nas turmas de alfabetização de jovens e adultos.

No entanto, questiono como o professor de alfabetização de jovens e adultos pode ser ou tornar-se um docente capaz de identificar os conhecimentos que os alunos trazem sobre a escrita para, daí, dar continuidade ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Qual seria o perfil desse educador para, assim, contribuir para o êxito na alfabetização de jovens e adultos.

Outro questionamento é saber até que ponto os alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado vêem importância da inserção e de trazer a realidade do educando para dentro da sala de aula, afinal o adulto que não tem escolarização passa por problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre outro. E que tais discussões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em sociedade.

O presente trabalho tem a finalidade entender alfabetização de jovens e adultos como uma educação que é capaz de mudar significativamente a vida de uma pessoa,

possibilitando o acesso aos recursos que tem na comunidade e, assim, reescrevendo sua própria história.

A proposta pedagógica do Programa Brasil Alfabetizado parte do princípio de que a construção de uma educação básica para jovens e adultos voltada para a cidadania, não se resolve apenas garantindo oferta de vagas, mas proporcionando ensino comprometido com a qualidade, ministrado por professores capazes de incorporar ao seu trabalho os avanços das pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento e de estar atentos às dinâmicas sociais e suas implicações no âmbito escolar.

Educar vai além de reunir pessoas dentro de uma sala de aula e transmitir-lhes conhecimento pronto. O papel do educador é entender a realidade do aluno no seu cotidiano diário, dando crédito da possibilidade do crescimento do ser humano na vida pessoal e profissional. No livro *Ação Cultura para a Liberdade e Outros Escritos*, Paulo Freire² faz a seguinte afirmação.

A primeira exigência prática que a concepção crítica da alfabetização se impõe é que a palavra geradora, com as quais alfabetizados começam sua alfabetização como sujeitos dos processos, sejam buscadas em seu universo vocabular mínimo. (1987, p. 18).

Esse trecho anterior mostra que é de fundamental importância que o professor procure identificar quais os conhecimentos que os alunos trazem sobre a escrita para, a partir daí, dar continuidade ao processo de alfabetização. Ao chegar à escola, o jovem e o adulto já sabem, por exemplo, que a escrita permite a comunicação entre as pessoas distante que através da escrita são adquiridas informações e que ela estimula a imaginação.

Sabem, também, que na nossa cultura se escreve e se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo. Distinguem letras de números e conhecem várias letras e até algumas sílabas e palavras. Na verdade, o processo de alfabetização começa quando o jovem e o adulto se vêem envolvidos com a exigência do saber ler e escrever para resolver situações cotidianas. Ao mesmo tempo em que vão identificando palavras semelhantes e compreendendo seus significados, vão analisando a função da escrita no dia a dia.

² Paulo Reglus Neves Freire – Recife, 19 de setembro de 1921 a São Paulo, 2 de maio de 1997. Educador, filósofo brasileiro destacou-se por seu trabalho na área da educação popular. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial

Mesmo quando jovens e adultos dizem que não sabem escrever, o fato de serem estimulados faz com que eles se revelem capazes de mostrar o que conhecem da língua. Os alfabetizandos aprendem, possivelmente, observando, comparando, descobrindo semelhanças, diferenças em todo material escrito que circula no contexto em que vivem.

A partir desses conhecimentos, os textos ganham um lugar especial nas classes de alfabetização. Isso porque é no contato com o texto que o alfabetizando descobre o significado da escrita e o seu funcionamento, ou seja, as regras do nosso sistema alfabético. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho consiste em refletir a formação do alfabetizador que participa do Programa Brasil Alfabetizado no Município de São Gonçalo e buscar compreender as relações que o alfabetizador tem com seus alunos e se, de fato, o mesmo compreende sua realidade, com a finalidade de apontar procedimentos que permitam aos educandos uma aprendizagem mais significativa no que diz respeito à relação realidade e aprendizagem da leitura e da escrita e como se reflete no campo educacional

Com estes conhecimentos adquiridos nessa pesquisa levarão a novas reflexões deste assunto que é de suma importância para o profissional de educação.

(...) um educador, já sem gosto pelo trabalho, é um escravo do ganha pão e que um escravo poderia preparar homens livres e ousados; que não podes preparar os alunos para construírem, amanhã, o mundo dos seus sonhos, se já não acreditares nesse sonho; que não podes prepará-lo para a vida, se já não acreditas nessa vida; que não poderás mostrar-lhes o caminho se te deixas ficar sentado, cansado e desanimado, na encruzilhada dos caminhos. (FREINET, 1967:146)³

³ Celestin Freinet * Provence - (Gars, Alpes-Maritimes), 15 de outubro de 1896 † L (Vence, Alpes-Maritimes), 8 de outubro de 1966) foi um pedagogo anarquista francês, um importante referência da pedagogia de sua época, cujas propostas continuam tendo grande ressonância na educação dos dias atuais.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: uma reflexão histórico-crítica

A educação de jovens e adultos tem seu início no Brasil no período colonial em 1549 quando os Jesuítas chegam ao Brasil. O objetivo principal era catequizar os índios com a fé católica, já que os índios eram considerados pagãos, por adorarem outros deuses e buscavam um trabalho educativo, para abrir caminho a entrada dos colonizadores portugueses.

Os jesuítas tinham uma visão de que não poderiam catequizar os índios, se eles não soubessem ler e escrever. Então, concluíram a importância da alfabetização para o trabalho educativo, ensinando a doutrina católica e os costumes europeus. Os índios eram catequizados e mais tarde os trabalhadores tinham como receber e executar as ordens da corte portuguesa. Os jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal no século XVIII, desorganizando a estrutura de ensino até então estipulada. Outras ações para a educação de jovens e adultos, só foi constituída no Brasil Império.

Na constituição Imperial de 1824 foi promulgada a primeira lei geral de Educação do país que garantia os direitos de todos os cidadãos a uma instrução primária gratuita. Contudo, era limitada a uma pequena parcela que tinha cidadania, no caso das elites, e que poderia ocupar cargos burocráticos na sociedade Imperial. O acesso à leitura e à escrita era tido como desnecessário e inútil para outros seguimentos da sociedade. Machado de Assis⁴ vez critica a essa situação:

A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desde uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. (...). 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber o quê. Votam como vão a festa da Penha_ por divertimento, A constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado. (...). As instituições existem, mais por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. (Machado de Assis / 1879)

⁴ Joaquim Maria Machado de Assis - (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839 — Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1908) foi um romancista, dramaturgo, contista, jornalista, cronista e teatrólogo brasileiro, considerado como o maior nome da literatura brasileira e um dos maiores escritores do mundo, de forma majoritária entre os estudiosos da área.

Com a chegada da República, começaram inúmeras campanhas de educação de jovens e adultos, mas todas com curta duração. Revelando a falta de compromisso que o Estado tinha em discutir políticas públicas para a educação, para prever em forma de constituição. Em 1910, o direito a ler e escrever era negado a quase 11 milhões e meio de pessoas com mais de 15 anos. Logo, alguns grupos sociais mobilizam-se para organizar campanhas de alfabetização chamadas de “Ligas”, das quais não durou muito tempo. Em cada década, ocorreu um governo e professores com visões diferentes, na tentativa de beneficiar as populações não alfabetizadas.

Na década de 30, a sociedade brasileira passava por grandes transformações políticas, econômicas e sociais. Com o começo da industrialização no Brasil, as pessoas de baixa renda que antes trabalhavam nas lavouras, agora se instalam nas cidades para trabalhar nas indústrias e com o fim da escravidão em 1888, os negros também vêm para as cidades, para trabalhar no processo da industrialização, com isso houve uma grande concentração populacional nos centros urbanos. Com essas mudanças, o governo viu a necessidade de retornar o processo ensino da educação básica de adulto. Então, é nesse período que a educação básica começou a se estabelecer seu lugar na história da educação do Brasil. Com o crescimento da procura ao ensino básico gratuito, por diversos setores da sociedade, o governo federal iniciou a ampliação da educação elementar e a criação das diretrizes educacionais por todo país, determinando as responsabilidades dos estados e municípios.

Na constituição de 1934 é promulgada a criação de um Plano Nacional de Educação que indicava, pela primeira vez, a educação de jovens e adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta de ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos. Mas, é na década seguinte que começaria realmente as iniciativas concretas, pois havia a preocupação de oferecer os benefícios da escolarização para a grande camada da população até então excluída da sociedade. Uma dessas iniciativas foi a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), em 1942, do Serviço de Educação de Adulto em 1947, a realização do Primeiro Congresso Nacional de Educação de Adulto em 1947, O Seminário Interamericano de Educação de Adulto em 1949, da Campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) em 1958, que marcou uma nova etapa nas discussões sobre a educação de adultos.

Com os apelos da UNESCO, foi criado, em 1947, o Plano de Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos que tinha seu idealizador e primeiro coordenador

Lourenço Filho, no qual atuou como um amplo movimento de mobilização nacional em favor da educação de jovens e adultos analfabetos, com uma política governamental que exprimia o entendimento da educação de adultos como peça fundamental na elevação dos níveis educacionais da população em seu conjunto. Os objetivos não eram só alfabetizar, mas se aprofundar nos trabalhos educativos.

A educação ganhava novos estímulos sobre a crença de que seria necessário educar o povo para que o país se desenvolvesse. Com esse conjunto de iniciativas permitia que a educação de adultos se consolidasse como uma questão nacional. Na mesma proporção às organizações internacionais, como a UNESCO, trouxeram influências positivas, legitimando os trabalhos que estavam sendo feitos no Brasil e estimulando novos projetos para a erradicação do analfabetismo no país.

Através dessas novas mudanças, os projetos políticos no Brasil passaram de agrário e rural para industrial e urbano, gerando uma mobilização de mão de obra qualificada e alfabetizada. Foram criadas várias escolas supletivas, mobilizando esforços das diversas esferas administrativas, de profissionais e voluntários. A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos fez instaurar no Brasil um campo de reflexão pedagógica em torno do analfabetismo. Entretanto, ela não chegou a produzir nenhuma proposta metodológica específica para a alfabetização de adultos, nem um paradigma pedagógico próprio para essa modalidade de ensino. Isso só iria ocorrer na década de 60 com o trabalho de Paulo Freire.

O Segundo Congresso Nacional de Educação de Adulto, que foi realizado em 1958, tinha como objetivos analisar as ações dos programas para combater o analfabetismo e solucionar os problemas que estavam ocorrendo. Denunciava-se o caráter superficial do aprendizado que se efetivava no curto período da alfabetização, a inadequação do método para a população adulta e para as diferentes regiões do país, a precariedade dos prédios escolares e a qualificação do professor. Todas essas críticas convergiram para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos, cuja referência principal foi o educador pernambucano Paulo Freire. Nesse congresso se discutiram as novas Diretrizes de Bases da Educação Nacional. Concluiu em 1962 o novo Plano Nacional de Educação, sendo extintas em 1963, as campanhas nacionais de educação de adultos.

O pensamento pedagógico de Paulo Freire e os métodos de alfabetização de jovens e adultos foram a inspiração de muitos programas de alfabetização de adultos e

educação popular em todos o país, na década de 60. Esses programas foram empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados numa ação política junto aos grupos populares. No livro *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*, Paulo Freire faz a seguinte afirmação.

E o que, mas, sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa que participo. (2002, p. 159)

Nessa obra, o autor mostra que o educador tem que ter compromisso com os educandos e tem que ter sua autonomia na sala de aula. Fala, também, que o professor tem que ter afeto pelo seu aluno e não ficar receoso de se expressar.

Contudo, se o professor tiver esses argumentos como base, ele vai sempre procurar se especializar para oferecer o melhor para seus alunos. Para cada alfabetizando exige estratégia diferente, materiais específicos e diversificados. Por isso, é muito importante a formação continuada dos educadores e funcionários que estão relacionados às atividades do mesmo. Com isso, irá atender melhor a necessidade de cada aluno e a inclusão faz com que todos respeitem a diferença que cada um tem, porque todas nós somos diferentes.

Ainda em 1964, o Ministério da Educação organizou o último dos programas no Brasil, o Programa Nacional de Alfabetização de adulto, cujo planejamento era feito por orientações de Paulo Freire.

Com o golpe militar de 1964 todos os programas que visavam a alfabetização e o fortalecimento de uma cultura popular das classes mais pobres das sociedades foram proibidas. O Movimento de Educação de Bases (MEB) continuou, pois estava ligada a Igreja Católica e ao MEC. O Governo Federal que, em 1967, autorizou a criação do MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização. Tinha como principal objetivo: erradicar totalmente o analfabetismo, mas, principalmente, preparar mão-de-obra necessária aos seus fins aos interesses capitalistas do Estado. O MOBREAL tinha sua autonomia em relação ao Ministério da Educação.

A partir da década de 70, o MOBREAL foi expandido para todo o território nacional, diversificando várias áreas. Em agosto de 1971, foi promulgada a lei 5.692, que garantia o ensino supletivo no Brasil, no qual foi um grande avanço na história da educação de jovens e adultos Brasil. Aconteciam várias implantações de centros de

estudo supletivos em todo o país, com o objetivo de escolarizar ao maior número de pessoas. Mas, o sistema não teve seus objetivos alcançados, pois, como não era obrigatória a frequência dos alunos, houve um número significativo de evasão.

A mais importante das iniciativas do programa de alfabetização de adultos foi o Programa de Educação Integrada (PEI), que correspondia uma condensação do antigo curso primário. Com isto, os recém-alfabetizados e os chamados analfabetos funcionais poderiam continuar seus estudos, pois o programa daria essa oportunidade. Paralelamente, pequenos grupos que se dedicavam à educação popular, não deixam morrer os métodos de alfabetização de Paulo Freire, que era a alfabetização de adultos com propostas mais críticas, visando a realidade do aluno e não tendo o método tradicional.

No início da década de 80, o Brasil passava por grandes transformações políticas, econômicas e sociais. Em 1985, chega ao fim o regime militar brasileiro e volta o processo de democratização no país. Desacreditado nos meios políticos o MOBREAL é concluído no mesmo ano. Em seu lugar, foi criada a Fundação Educar, que diferentemente do Mobral, passou a fazer parte do Ministério da Educação. A Fundação, ao contrário do Mobral que desenvolvia ações diretas de alfabetização, exercia a supervisão e o acompanhamento junto às instituições e secretarias que recebiam os recursos transferidos para execução de seus programas.

O Brasil estava num momento de democratização, os estudantes, professores e políticos reivindicavam escola gratuita para todos. Então, em 1988, a constituição garantia o ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos, sendo crianças ou adultos que não tiveram a oportunidade de concluir da idade apropriada. Esse fato foi um grande marco para a EJA no Brasil. O tema da educação de jovens e adultos voltou ao debate, neste final de século, com uma dimensão renovada.

A década de 1990 não foi muito benéfica à alfabetização de jovens e adultos devido a vários empecilhos que contribuíram para que se chegasse a essa conclusão. Devido à falta de políticas específicas, o governo não deu apoio à Educação de Adultos, chegando a contribuir para o fechamento da Fundação Educar, além de ocorrer um grande vazio político, no que se refere a esse setor, mas, em compensação, alguns Estados e Municípios assumiram a responsabilidade de oferecer educação para os alunos da EJA.

Em 1996, foi lançado em Natal, no Rio Grande do Norte, o Programa Alfabetização Solidária, em um evento nacional de Educação de Jovens e Adultos,

como etapa preparatória para a V CONFINTEA, Conferência Internacional de Educação de Adultos. Na ocasião, participaram como proponentes o Ministro da Educação Paulo Renato e Dona Rute Cardoso, representando a Comunidade Solidária.

O Projeto Alfabetização Solidária (PAS) é um das ações desenvolvidas pelo Conselho do Programa Comunidade Solidária no governo Fernando Henrique Cardoso. O projeto começou em 1997, com o apoio da UNESCO. O PAS propunha uma ação conjunta entre Governo federal, empresas, administrações municipais e universidades. Com o objetivo de reduzir os índices de analfabetismo no Brasil e de expandir o acesso de jovens e adultos à educação nos municípios que apresentam os índices mais elevados de analfabetismo no país, o programa apresenta hoje resultados significativos. Desde sua implantação até o ano de 2001, mais de 2,4 milhões de jovens e adultos brasileiros foram beneficiados. Atualmente é gerenciado por uma organização não governamental, Associação de Apoio ao Programa Alfabetização Solidária (AAPAS). Uma entidade do terceiro setor, sem fins lucrativos e de utilidade pública, composta de uma equipe de 220 consultores em Brasília, capital federal do Brasil.

Em janeiro de 2003, no início do governo Lula, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade. Foi criada a secretaria extraordinária de erradicação do Analfabetismo, que tem como objetivo erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo. Para alcançar essa meta foi lançado pelo MEC o Programa Brasil Alfabetizado que seria realizado pelo o Estado, Municípios, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvessem ações de alfabetização.

O programa continua em andamento. Então, não podemos afirmar se conseguiram alcançar os objetivos pretendidos. O Brasil Alfabetizado foi criado no Governo Lula, mas nada impede que os próximos presidentes dêem continuidade a esse programa. Contudo, deve haver uma interação do Programa Brasil Alfabetizado com outros programas como o Programa Alfabetização Solidário, que é hoje um programa de relevância e bem sucedido, quando o assunto é alfabetização de jovens e adultos.

Mesmo não havendo continuidade dos programas de alfabetização de jovens e adultos ao longo dos anos, a EJA está sempre buscando permitir o acesso à educação a todos, independente de idade ou classe social. Graças aos projetos de alfabetização de jovens e adultos, muitas pessoas têm sido beneficiadas e mantendo a esperança em “mudar de vida”.

2.2 Organização e Estrutura do Programa Brasil Alfabetizado

Em janeiro de 2003, no início do Governo Lula, O MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade. Foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, que tinha como objetivo erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo. Podemos pontuar a garantia de continuidade no processo de escolarização dos alunos encaminhando para a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Para alcançar essa meta, foi lançado pelo MEC o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado à alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é realizado pelo Estado, Municípios, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvam ações de alfabetização.

O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo país, mais de 1.928 municípios tem prioridades para obtenção do programa por alcançar menor ou igual a 25% da taxa de analfabetismo. Desde total, 90% se concentram na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. O programa é uma forma de acesso à cidadania e para a elevação de escolaridade no nosso país. Duas grandes metas existem no programa: a alfabetização de jovens e adultos e formação de alfabetizadores.

Antes de começar o trabalho de alfabetização, o alfabetizador precisa conhecer o grupo que vai trabalhar. Isso se dá com a matrícula dos alunos ou diagnósticos no início das aulas. O propósito é para que o alfabetizador possa conhecer seus alunos, assim dando a maior democratização e participação no processo de alfabetização. Todas as pessoas que tem quinze anos ou mais, e que não tiveram acesso a escolarização na idade apropriada, tem direito a ingressar no Programa Brasil Alfabetizado. Cada turma tem que ter no mínimo quinze alunos e no máximo vinte cinco anos e cada alfabetizador podem ter no máximo duas turmas.

O programa é efetuado por meio de voluntários remunerados que assumem tarefa de alfabetizador, tradutor intérprete de libras e coordenador de turma. Os mesmos têm direito a uma bolsa auxílio determinado para cada tipo de cargo. São divididas em: bolsa classe I: valor de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) mensais para o alfabetizador com turma ativa de jovens, adultos e idosos; bolsa classe II: valor de R\$ 275,00 (duzentos e setenta e cinco reais) mensais para o alfabetizador com turma ativa que inclua jovens, adultos e idosos com necessidades educacionais especiais, a população carcerária e aos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas; bolsa

classe III: valor de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) mensais para o tradutor-intérprete de LIBRAS que auxilia o alfabetizador com turma ativa que inclui jovens, adultos e idosos surdos; bolsa classe IV: valores de R\$ 500,00 (quinhentos reais) mensais para o coordenador de turmas de jovens, adultos e idosos; bolsa classe V: valores de R\$ 500,00 (quinhentos reais) mensais para o alfabetizador com 2 (duas) turmas de alfabetização ativas.

Além do pagamento de bolsas aos alfabetizadores e coordenadores de turmas, o MEC/FNDE repassa recursos financeiros aos estados e municípios, por meio de transferência automática em conta benefício, através do Branco do Brasil para financiamento das seguintes ações: formação de alfabetizadores, aquisição de gêneros alimentícios para a merenda e, também, de materiais escolares, pedagógicos, didáticos e literários, e de apoio ao professor em geral.

A bolsa é suspensa quando há um cancelamento da turma ou substituição do bolsista do programa, quando há irregularidade no exercício atribuído ao bolsista, verificação de informações incorretas do bolsista e na constatação da frequência inferior à estabelecida pelo programa ou acúmulo indevido de benefícios.

Como dissemos anteriormente, o programa está em andamento, então, não dá para afirmar se conseguiram alcançar os objetivos pretendidos. Mas, alguns dados mostram que o Brasil Alfabetizado atendeu 9,9 milhões de jovens e adultos desde sua criação até 2008. Naquele ano, a União aplicou R\$ 245,8 milhões no programa. Em 2009, cerca de 2 milhões de alfabetizandos estavam previstos para serem atendidos pelo programa.

2.3 A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico

Em pesquisa realizada em 1999, Ribeiro⁵ relaciona a formação de educadores de jovens e adultos na problemática da constituição da EJA no campo pedagógico. Inicialmente, destacando-se a visita feita a uma escola de um bairro periférico de São Paulo que tem um núcleo de educação de jovens e adultos e que estão conseguindo um ótimo trabalho nas salas de alfabetização, pós-alfabetização e preparação para exames supletivos. Isso se dá porque existe uma estrutura, profissionais comprometidos com

⁵ Vera Masagão Ribeiro - Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998), com Bacharelado e Licenciatura em Letras - Português e Espanhol - pela Universidade de São Paulo (1980). Atualmente é pesquisadora e coordenadora de programas da Ação Educativa - Assessoria Pesquisa e Informação

uma educação popular e encontro de formação com as educadoras daquele núcleo.

No entanto, uma pessoa do grupo de visitação nos chama a atenção quando observa, no quadro negro de uma sala de alfabetização, a frase "o gato comeu milho na gamela do Guto", dando a entender que as teorias que a alfabetizadora tinha nos encontros pedagógicos eram totalmente diferentes na prática em sala de aula. Afinal, a mesma não estava usando a própria experiência dos alunos para dar continuidades a alfabetização, mas, sim, colocando uma frase que é utilizada para o ensino de crianç a.

Isso se torna mais visível quando a autora nos relembra a frase que a professora usou para apresentar a turma de alfabetização: "estas são as minhas crianç as", ficando evidente que a alfabetizadora poderia estar transpondo intuitivamente, para a educação de jovens e adultos, um conhecimento adquirido em experiências prévias de educação infantil. Assim, percebe-se que, mesmo com encontros pedagógicos, não eram suficientes para mudar uma prática que vinha de anos de trabalho.

(...) as categorias e quadros de referências disponíveis para legitimar as atividades de "cuidado" estavam articuladas a uma percepção elitista, um julgamento moral dos alunos e suas famílias, às necessidades de atendimento à pobreza, um quadro de referências marcado pela tradição controladora e moralista de nossas escolas primárias, mesclada com elementos das teorias da privação materna e da educação compensatória. (CARVALHO⁶, 1999, p. 234)

Há anos muitas foram as tentativas para se construir uma identidade para a educação de jovens e adultos. Joia *et al.* (1999), em sua pesquisa sobre tendências curriculares do ensino de suplência, citam três idéias principais: a primeira trabalha a partir dos conhecimentos que o aluno adquiriu durante toda sua vida para, a partir desse ponto, realizar a continuidade na alfabetização. Uma vez que as experiências desse aluno pode ser um aprendizado não só para o mesmo, mais sim para toda turma. A valorização do diálogo como princípio educativo e a principal arma que o educador tem para estimular a consciência crítica dos alunos para discutir temas como, por exemplo, porque existe tanta desigualdade social em nossa sociedade, criminalidade, dificuldade de ser bem atendido em hospitais públicos? Enfim, assuntos que eles vivenciam todos os dias. Essa

⁶ Marília Pinto de Carvalho - Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1998). Atualmente   Professora Associada da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Relações de G nero, atuando principalmente nos seguintes temas: relações de g nero na educação escolar, trabalho docente nas séries iniciais do ensino fundamental e diferenç as de desempenho escolar entre meninos e meninas.   bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq.

linha de pensamento foi muito difundida nas obras de Paulo Freire, que trabalhava muito com as classes populares. Podemos dizer que essa perspectiva prática e teórica é a mais aceita para construção da identidade da educação de jovens e adultos.

A segunda ideologia para a construção da identidade da educação de jovens e adultos visa as necessidades do mercado de trabalho. É recorrente a percepção de que na atualidade a escolarização é muito importante em toda sociedade letrada, pois com as mudanças e avanços nas tecnologias, o mercado de trabalho está mais exigente e se quiserem ter uma oportunidade de ingressar em uma carreira, precisa se atualizar e estudar.

(...) A educação de jovens e adultos obriga os educadores a focalizar sua ação pedagógica no presente, enfrentando de forma mais radical a problemática envolvida na combinação entre formação geral e profissional, entre teoria e prática, universalismo e contextualização etc. (JOIA, São Paulo 1999).

A terceira idéia nos diz que temos que respeitar as experiências de vida de casa aluno e se adequar essas experiências aos conteúdos escolares. Todavia os educadores não podem ensinar os adultos como se ensina às crianças, pois, mesmo que ambos estejam se iniciando na alfabetização, o adulto tem um grau mais elevado por já ter uma consciência crítica da sociedade que se vive. Essa transformação dos conteúdos para a realidade do aluno continua sendo um desafio para o professor, afinal o mesmo vai ter que ter um alto grau de compreensão da estrutura dos conteúdos escolares para fazer as adaptações necessárias.

Por fim, é preciso que os educadores tenham uma ótima formação pedagógica e que sejam abertos às necessidades dos seus alunos para que ocorra uma educação de jovens e adulto mais eficaz e de qualidade. Acredito que se os professores tiverem mais comprometimento com a EJA, uma estrutura organizada de condições de trabalho, podem construir alternativas para garantir que cada aluno tenha suas necessidades atendidas e adequadas aos modos próprios de pensar dos jovens e adultos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS:

A PESQUISA

3.1 Considerações Metodológicas

Considerando os objetivos explicitados, selecionei o Projeto Brasil Alfabetizado do município de São Gonçalo, no qual eu atuo como alfabetizadora desde o ano de dois mil e seis, para ser meu tema de pesquisa. O trabalho de coleta de dados envolveu a realização de entrevistas com alfabetizadoras do projeto para saber como realizam práticas pedagógicas na alfabetização de jovens e adultos.

Esse trabalho, portanto, trata-se de uma pesquisa que pretendeu trazer algumas contribuições ao tema proposto, considerando que, até o momento, não foi realizada nenhuma monografia na Faculdade de Formação de Professores da UERJ analisando o Programa Brasil Alfabetizado no Município de São Gonçalo. Como caminho metodológico optei por entrevistas com alfabetizadoras do Programa Brasil Alfabetizado do município de São Gonçalo, no qual eu atuo como alfabetizadora desde o ano de dois mil e seis para analisar como é a organização do programa e como tem sido oferecida a formação do profissional para a educação de jovens e adulto nas reuniões pedagógicas.

Foram entrevistados 9 (nove) alfabetizadoras⁷ que participaram das reuniões pedagógicas organizadas semanalmente pelo Programa Brasil Alfabetizado que realizei as entrevistas. Todas mostraram interesse em participar das entrevistas, pois consideraram importante refletir sobre o tema da pesquisa. As entrevistas foram orientadas a partir de um roteiro de questões, sendo a primeira entrevista realizada no dia 25/01/2010.

A partir de pesquisas teóricas, a situação atual da formação de alfabetizadores de jovens e adultos fez com que diversos questionamentos surgissem. Com o objetivo de se ter referências que justifiquem a seriedade e a possibilidade de aproveitamento desta pesquisa pelos leitores, fez-se necessário uma sustentação para as idéias apresentadas como objetivo deste trabalho, neste caso refletimos, também, sobre a LDB 9394/96.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) define e regulariza o sistema

⁷ Todos os alfabetizadores eram mulheres e nenhuma delas tem curso de formação de professores.

de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Na constituição de 1934 é promulgada a criação de um Plano Nacional de Educação. Em 1961 foi criada a primeira LDB, seguido por uma nova versão em 1971, mais só em 1996 foi concluído o debate da nova lei. O Presidente Fernando Henrique Cardoso juntamente com ministro da educação Paulo Renato sancionou a LDB no dia 20 de dezembro de 1996.

O questionário (em anexo) foi de suma importância para averiguar, no campo empírico, como as alfabetizadoras vêem a alfabetização de jovens e adultos e a importância da formação docente no processo de alfabetização de jovens e adultos no Programa Brasil Alfabetizado. Com isso, foram analisadas, neste capítulo, as respostas obtidas acerca dessas questões. As questões respondidas, por escrito, pelas alfabetizadoras encontram-se na íntegra nos anexos.

Selecionei a pergunta três do questionário de entrevista, para que possamos refletir e analisar as respostas que algumas alfabetizadoras deram sobre se é importante a alfabetização nos dias atuais.

3. Qual a importância da alfabetização de jovens e adultos nos dias de hoje?

Essa questão foi a que obtive algumas respostas objetivas e sucintas, porém, quero destacar as respostas de quatro entrevistadas que responderam de forma um pouco mais detalhada sobre a questão formulada:

“A alfabetização de jovens e adultos contempla as pessoas que não tiveram escolarização no período apropriado e por isso é muito importante que essas pessoas voltem a estudar para ser mais crítica na sociedade”. (L. 36 anos. Professora do Programa Brasil Alfabetizado)

“É muito importante em todos os setores da vida do cidadão: Afinal com o mundo evoluindo rapidamente e preciso que todos se atua-se”. Y. 63 anos. Professora do Programa Brasil Alfabetizado

⁸ Para preservar a identidade das entrevistas, referimos à essas alfabetizadoras pelas iniciais dos seus nomes.

“A importância de ser atendido mundialmente, para uma sociedade mais consciente, participativa e mais justa. C. S. C. C. 28 anos. Professora do Programa Brasil Alfabetizado

As entrevistadas concordaram que é muito importante a alfabetização de jovens e adultos, pois permite que os mesmos participem mais ativamente da sociedade como um todo. As evoluções tecnológicas também acabam sendo um incentivo para que aquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade correta voltem para a escola em busca de se atualizarem, pois, como afirma a Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Jovens e Adultos,

“... a alfabetização, concebida como o conhecimento básico, necessário a todos, num mundo em transformação, é um direito humano fundamental. Em toda sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. (...) O desafio é oferecer-lhes esse direito... A alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser um requisito básico para a educação continuada durante a vida. (Declaração de Hamburgo, 1997)

“É um direito de todo a educação e um dever dos governantes em relação este trabalho. Todo cidadão tem direito a educação” A. M. dos S. 60 anos. Professora do Programa Brasil Alfabetizado

Nessa resposta, a alfabetizadora A. M nos chama a atenção na forma de que a mesma lembra que é responsabilidade dos governantes garantir ensino de qualidade e gratuito para todas as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada. A. M. Faz-nos recuperar o texto da LDB 9394/96, a respeito de que,

“O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; - universalização do ensino médio gratuito;...” (Art. 4º. p. I e II. LDB)

A questão quatro do questionário de entrevista mostra a visão das alfabetizadoras

entrevistas em relação às suas compreensões sobre como se deve alfabetizar um adulto. Destaquei as respostas de quatro entrevistadas que responderam de forma mais elaborada.

4. Para você como deve se feita a alfabetização de jovens e adultos?

“Com sua própria vivência. Cada aluno já vem com conhecimento que adquiriu em toda sua vida. Entendo que a partir dessas vivências posa da continuidade a sua alfabetização.” E. dos S. P. 60 anos Professora do Programa Brasil Alfabetizado

“O primeiro passo é o alfabetizador passar confiança para seu ano. Em seguida estimular o jovem ou adulto a novas descobertas, favorecendo do que ele traz de seu mundo para construção do saber.” C. da S. C. C. 28 anos Professora do Programa Brasil Alfabetizado

“A melhor maneira de se alfabetizar uma pessoa é trazer as suas experiência de vida para dentro da sala de aula. E a partir de então dá prosseguimento a sua alfabetização.” L. 36 anos Professora do Programa Brasil Alfabetizado

“Com troca de conhecimento professor aluno, muito debate e entrevistas. Trabalhando com sua própria realidade é a melhor maneira de alfabetizá-los.” A. M. S. dos S. 60 anos Professora do Programa Brasil Alfabetizado

Todas as entrevistadas deram sugestões a respeito de como podemos trabalhar a alfabetização de jovens e adultos em sala de aula. Porém, chamou-me a atenção o fato de que todas as entrevistadas deram a mesma resposta, ou seja, “a partir da vivência do próprio aluno que se dará a alfabetização”. O alfabetizador deve respeitar as experiências que cada aluno possui e estimular que o mesmo comece a se alfabetizar através das suas próprias experiências de vida.

É interessante que essas respostas encontram-se fundamentadas no próprio texto da lei 9394/96:

“O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o

pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino.” (Art. 3º p. I, II, III, IV e V. LDB)

A questão seis do questionário de entrevista é primordial para esse trabalho, pois permitiu saber como se dá a formação continuada para as alfabetizadoras do PBA. Destaquei as respostas de três entrevistadas que responderam de forma mais explicada.

6. A formação continuada que o Programa Brasil Alfabetizado oferece é suficiente para ajudar o professor a dar continuidade ao seu trabalho em sala de aula?

“Não, pois deve ser tirada as dúvidas dos professores, ter troca de informação entre os educadores, se feita o plano de aula junto com os educadores para se desenvolvido os temas a trabalha com os alfabetizandos.” K. C. 41 anos Professora do Programa Brasil Alfabetizado

“Não é suficiente, pois muitas vezes as reuniões pedagógicas fogem do assunto principal que é a alfabetização.” A. M. S. dos S. 60 anos Professora do Programa Brasil Alfabetizado

“Não, porque muitas vezes os encontros pedagógicos fogem do foco principal que é a alfabetização de jovens e adultos para falar coisas supérfluas.” E. dos S. P. 60 anos Professora do Programa Brasil Alfabetizado

Essas respostas me fizeram refletir o porquê de todas as alfabetizadoras responderem que a formação continuada do Programa Brasil Alfabetizado não é suficiente para que as mesmas possam trabalhar em sala de aula as atividades das reuniões pedagógicas.

Constatei que a metodologia que as coordenadoras utilizam para dar prosseguimento às reuniões pedagógicas são ótimas, pois são elaboradas mediante as obras de Paulo Freire, mas, na hora de produzir o conhecimento para as alfabetizadoras, a troca de experiências, as mesmas parecem não conseguir conduzir

as propostas do Programa e, assim, muitas vezes, acabam fugindo do foco que é a alfabetização. Nesse sentido, concordo

O foco para definir uma política para a educação de jovens e adultos e para formação de educador da EJA deveria de ser um projeto de formação que colocasse a ênfase para que os profissionais conhecessem bem quem são esses jovens e adultos, como se constroem como jovem e adulto e qual a história da construção desses jovens e adultos populares. (Arroyo, 2006, p.25)

A formação pedagógica dos docentes é fundamental para que ocorra o sucesso da alfabetização dos seus alunos. O/a alfabetizador/a deve sempre repensar a sua prática pedagógica, uma vez que o mundo vive em constante transformação e voltar-se para aquilo que realmente dá sentido ao seu trabalho- a alfabetização de jovens e adultos, bem como buscar qualidade na educação e propiciar aos educandos a adquirirem conhecimento relevantes para o exercício da plena cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XIX; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação da sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e a cultura da paz baseada na justiça. (Declaração de Hamburgo sobre a EJA de 1997)

Ao chegar ao “término” deste período de pesquisa, declaro que a mesma não se encerra aqui, é de se considerar que existe em relação ao campo da educação voltada para formação docente um amplo campo de pesquisa e muitos aspectos a serem analisados.

O ponto relevante da pesquisa foi investigar a atuação e formação do profissional de educação no Programa Brasil Alfabetizado, uma vez que é de muita valia no processo educacional buscar compreender como se realiza a alfabetização de jovens e adultos e como os alfabetizadores estão sendo preparados para vivenciar uma educação voltada para EJA.

O trabalho foi fundamentado por alguns autores que fazem diálogos sobre a formação docente da EJA e a história da EJA no Brasil. Contribuíram como aportes teóricos para a presente monografia, sem os quais provavelmente não seria possível empreender as reflexões durante sua realização.

Assim sendo, é de suma importância as reuniões pedagógicas do grupo que trata sobre o tema: a alfabetização de jovens e adultos. Tendo como objetivo a base teórica e a troca de experiências.

O que se tem visto é que as mudanças têm ocorrido aos poucos dentro do ambiente onde é realizado o Programa Brasil Alfabetizado.

Não podemos olhar a alfabetização de jovens e adultos da mesma forma que a alfabetização de crianças, uma vez que o jovem e adulto já vem para sala de aula com suas vivências na sociedade ao contrario da criança que não tem experiência alguma.

Como educadores devemos ir além da formação do gosto (gostar de ver,

apreciar...) e, sim, contribuirmos para ampliar a capacidade dos nossos educandos de refletir, analisar, e criticar tudo que acontece ao seu redor.

Considero que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados para que possamos melhorar, cada vez mais, a forma de alfabetizar jovens e adultos, proporcionando-lhes uma educação de melhor qualidade.

Com relação aos dados empíricos, deve-se considerar que as informações obtidas não esgotam o tema da pesquisa que é voltado para a importância da formação de alfabetizadores de jovens e adultos. Sendo assim, tais dados retratam apenas uma pequena porcentagem da realidade educacional, realidade esta que não deve ser considerada por nós como única, deve refletir e analisá-la, considerando o que foi proposto pelas leis e o que realmente está em prática nos programas de alfabetização de jovens e adultos.

Sendo assim, espero que as questões aqui tratadas no trabalho de conclusão de curso sirvam para o aproveitamento de outras pesquisas e valham como reflexão para buscarmos pistas para a formação de alfabetizadores de jovens e adultos, envolvendo aspectos da competência técnica aliada ao seu compromisso político.

Referências Bibliográficas

Livros e Artigos

ARROYO, Miguel González. In. Formar Educadores e Educadoras de Jovens e Adultos. In. SOARES, Leôncio (org.) Formação de Educadores da Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, SECAD MEC, / UNESCO, T 2006.

ASSIS, Machado de. História de 15 dias (15/08/1876). In: COUTINHO, Afrânio (org). Machado de Assis: Obra Completa. Crônica, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. (citação da p.345)

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

FREINET, Célestin. *Pedagogia do bom senso* – São Paulo: Martins Fontes, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa*. São Paulo. Editora Paz e Terra. Edição 23°. 2002.

FREIRE, Paulo, *Ação Cultura para a Liberdade e Outros Escritos*. Rio de Janeiro e São Paulo. Editora Paz e Terra. Edição 8°. 1987.

JOIA, Orlando *et al.* "*Propostas curriculares de Suplência II (2º segmento do ensino fundamental supletivo)*". Relatório de pesquisa. São Paulo: Ação Educativa, 1999.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luiza Silva. *Eja: Uma Educação possível ou Mera Utopia?*

RIBEIRO, Vera Masagão. *A Formação de Educadores e a Constituição da Educação de Jovens e Adultos como Campo Pedagógico*. Educação & Sociedade, ano XX, nº68, Dezembro/99

PIERRO, Maria Clara Di. *Descentralização, Focalização e Parceria: Uma análise das Tendências nas Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.2, p.321 – 337, jul./dez. 2001

PEIRRO, Maria Clara Di; JOIA, Orlando; RIBEIRO. Vera Masagão. *Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil*. Cadernos Cedes, Ano XXI, nº 55, Novembro/2001.

Senado Federal. Lei 93.94/96: lei diretrizes e bases da educação. Brasília: Senado Federal, 1996.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (EJA). Parecer CEB / 00, Aprovado em... (Processo...)

UNESCO – *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução Portuguesa. Rio Tinto: Edição ASA, 1996.

Sites

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12280&Itemid=817

<http://www.webartigos.com/articles/17677/1/HISTORICO-DA-EJA-NO-BRASIL/pagina1.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Diretrizes_e_Bases_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nacional

ANEXOS